

Extensão acadêmica: utilizando a educação em saúde como instrumento de abordagem para a desmistificação da pediculose

Academic extension: using health education as an approach to demystifying pediculosis



ISSN 2358-7180

Adriana Raineri Radighieri¹, Claudia Moraes Clemente Leal², Ivaneide de Almeida Ramalho³, Beatriz Albuquerque Machado⁴, Regina Bontorim Gomes⁵, Daniel Barbosa Guimarães⁶, Cintya dos Santos Franco⁷, Juliana Ferreira Gomes da Silva⁸, Amanda Campos Bentes⁹, Julia Leonidia de Oliveira Silva¹⁰, Isabella de Oliveira da Costa¹¹, Tamirys Franco Cunha¹², Jéssica Silva de Figüêredo¹³, Lorena Carlos Correa¹⁴, Gerson Moura Ferreira¹⁵, Alba Cristina Miranda de Barros Alencar¹⁶, Renata Heisler Neves¹⁷

¹ Especialista em Laboratório de Vigilância em Saúde Pública e discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: adriana.raineri@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3180-1615>

² Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: claudiamoraes.cl@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7818-4802>

³ Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: neide.ramalhouerj@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7095-5318>

⁴ Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: beatriz_machado@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0009-146X>

⁵ Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: regina.bontorim@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5260-4493>

⁶ Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: danielbarbosa.jor@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1648-3751>

⁷ Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: cintyafranco@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7593-9683>

⁸ Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: julianakadafi@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3215-9409>

⁹ Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: amandacamposbentes@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5699-5818>

¹⁰ Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: julia.fenfuerj182@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0163-107X>

¹¹ Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: isabellauerj@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6952-1440>

¹² Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: tamirysfranco.cunha@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0234-3122>

¹³ Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: jessy.angeel@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0077-3524>

¹⁴ Discente em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lolacorrea392@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1073-9832>

¹⁵ Doutorado em Ciências (Microbiologia). Laboratório de Células Tronco. Instituto Nacional de Câncer (INCA), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: gmferreirag@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3467-2580>

¹⁶ Pós graduação (Doutorado em Microbiologia). Professora adjunta de Parasitologia Clínica. Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: acmbalencar@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0473-4381>

¹⁷ Pós graduação (Doutorado em Ciências). Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: renataheisler@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5442-0030>

ABSTRACT

Introduction: Pediculosis is considered an ectoparasite that is caused by *Pediculus humanus capitis* that infests only the scalp of men and has a long history, in which it facilitates to understand all the empiricisms that arise and are practiced, up to the present day, about this theme. **Objective:** To instigate the importance of education of pediculosis for children and the whole community, as well as to minimize factors related to the social determinants of health related to head lice. **Methodology:** Observational and qualitative study, with the participation of children and adolescents, aged between 6 and 18 years, from schools, centers and public daycare centers in Rio de Janeiro. The development of this work took place through didactic material exhibitions, as well as presentation of *Pediculus humanus capitis* eggs and nymphs in microscopes, plays, conversation circles, puzzles, puppets, Power Point animations and pamphlets, through students nurses working in the Parasitology extension project, to make the scientific knowledge of this parasite as palpable as possible. **Results:** The target audience at all times interacted with the project's participants, showing themselves to be proactive and interested in the theme, in addition to having noticed the intellectual changes on the head louse and the behaviors facing this sociocultural problem. **Conclusion:** The importance of health education presented in playful and dynamic activities contributed to changes in the habits of daily life activities on this parasitic disease and the relevance of the participation of nursing students to stimulate health promotion.

Keywords: Health promotion. Pediculosis. University Extension.

INTRODUÇÃO

Dentre os parasitos mais conhecidos, figuram os piolhos, que apresentam características monoxênicas com hospedeiro definitivo, sendo então uma ectoparasitose popular e de fácil disseminação. Estes artrópodes passam pelas fases de ovo (lêndeas), ninfas (1º, 2º e 3º estágios) e adultos (machos e fêmeas), e são hematófagos causadores de sérios problemas de saúde ao homem (BARBOSA & PINTO, 2003; REY, 2002; NEVES, 2004).

A introdução da pediculose no convívio humano tem data de 1300 anos antes de Cristo (a.C). Há indícios da existência de *Pediculus humanus capitis* em múmias do período Pré-Colombiano, no Peru e em múmias egípcias de mais de 3000 anos a.C., em pentes, no deserto de Israel. Segundo Santos (2015, p. 10): “[...] no Brasil, [...] também foram encontrados ovos de *Pediculus humanus capitis* em múmias no Piauí que datam 10.000 anos”.

Há hipóteses que a origem do piolho seja africana, pois chegou e estabeleceu-se no continente americano através das migrações que ocorreram bem antes das expedições colonizadoras. Até mesmo a Princesa Carlota Joaquina, filhas e damas desembarcaram na Bahia, fazendo uso de turbantes para esconder a cabeça raspada devido as infestações de piolhos e para disfarçar o deplorável visual (HOLANDA, 1995; LINARDI, 2011).

A distribuição dos piolhos do corpo e da cabeça é mundial: nas Américas, no leste da Europa, na Austrália, no norte da África, Etiópia, Senegal e na Ásia, como no Nepal e Tailândia, são mais comuns as espécies que povoam as cabeças. O primeiro apresentou grande redução nos países mais desenvolvidos, já o segundo, ainda se apresenta crescente e por isso constitui um agravo de saúde pública (NUNES et al, 2014).

A pediculose no Brasil tem encontrado desafios relacionados à falta de controle do ectoparasito *Pediculus humanus capitis* e, também, a desconsideração do tema por parte dos profissionais de saúde e da população (HEUKELBACH; OLIVEIRA & FELDMEIERS, 2003). Embora independa da classe social, sexo ou etnia, existe uma grande variação nas taxas de prevalência de piolhos nos estudos epidemiológicos que estão relacionadas aos seguintes fatores: etnia, faixa etária, sexo, condições socioeconômicas, resistência dos piolhos aos piolhidas, hábitos culturais e características dos cabelos (LINARDI et al, 1998; ROCHA, 2014).

Segundo Roberts (2002), a prevalência dessa parasitose em países desenvolvidos é de até 3%, já nos subdesenvolvidos é alta, prevalecendo em crianças em idade pré-escolar e escolar (3 a 12 anos) (BARBOSA & PINTO, 2003; ROCHA, 2014). Estudos apontam que até dois terços da população de favelas nas grandes cidades e de comunidades carentes rurais são afetados por pelo menos uma ectoparasitose, mas no caso do Brasil podem chegar até 40% e podendo exceder a 25% nas escolas de educação infantil (WIILCKE et al, 2002). Estudos observaram que as meninas possuem mais predisposição à infestação que os meninos, e que esse fato pode estar relacionado tanto ao comprimento dos cabelos quanto ao árduo trabalho na escovação (CATALÁ et al, 2004).

Com o propósito de reduzir a taxa de prevalência, medidas de educação em saúde, de controle e de tratamento em massa poderiam ser elaboradas para promover tal redução (CATALÁ et al., 2004; HEUKELBACH; OLIVEIRA & FELDMEIERS, 2003). Mesmo diante destes altos números, não se tem um projeto específico do SUS para o controle dessa parasitose em escolas e comunidades, apenas projetos externos que levam à educação em saúde (FRANCESCHI et al, 2007).

Ao longo de gerações alguns métodos são utilizados para o tratamento de pediculose. Uma das opções é o uso de piolhidas em forma de xampu ou loções, principalmente em se tratando de infestações maciças ou de sucessivas reinfestações

(CHOSIDOW, 2000). Barbosa & Pinto (2003), alertam a população sobre a utilização de produtos como, por exemplo, neocid, querosene e gasolina que são conhecidos como inseticidas não convencionais e por isso são extremamente tóxicos aos seres humanos, podendo levar o indivíduo ao óbito (PINTO & VARGAS, 2005).

Mais que drogas e substâncias tóxicas, o uso de pente fino é essencial para o combate a pediculose, pois o seu uso frequente remove as ninfas e adultos (LINARDI, 2011). O pente fino quando passado em cabelos, que encontram-se envolvidos com óleos, cremes ou vaselina, tem uma eficácia mais elevada, visto que esses produtos dificultam a adesão de adultos e ninfas aos fios do cabelo, além de imobilizar esses insetos, facilitando a sua retirada do couro cabeludo (GABANI; MAEBARA & FERRARI, 2010).

Crenças populares baseadas no senso comum e sem qualquer respaldo científico dificultam o controle efetivo dessa parasitose, mas ganham notoriedade para os pais e educadores infantis quando o assunto é tratar a pediculose (GABANI; MAEBARA & FERRARI, 2010). Algumas alternativas de baixo custo são utilizadas pela população para o combate a pediculose, como receitas caseiras à base de vinagre, água salgada para soltar as lêndeas ou xampus feitos à base de ervas vulgarmente conhecidas como boldo (*Plectranthus barbatus*), melão de São Caetano (*Momordica charantia L*) e arruda (*Ruta graveolens*). Embora extremamente promissor pouco ou nada se sabe sobre o real efeito dessas plantas no combate ao piolho, além de dados relatos da própria população sobre a eficácia dos mesmos (BARBOSA & PINTO, 2003; GABANI; MAEBARA & FERRARI, 2010).

A falta de informações sobre o comportamento do agente etiológico leva ao constrangimento e preconceito, pois este é atrelado à falta de higiene pessoal, e o seu maior sintoma seja o ato de coçar o couro cabeludo. Com isso, muitos pais na tentativa de tratar as crianças, cortam seus cabelos crendo que em fios curtos o parasito não se prolifera e desse modo conterão a infestação (CUNHA, 2008). Faz-se urgente as mudanças conceituais e os comportamentos dos envolvidos, para que aconteça a desmitificação do que vem a ser a praga dos piolhos (BARCA, 2004).

Por isso, nosso trabalho tem como objetivo ensinar medidas de controle e prevenção da pediculose através da educação e saúde e metodologias lúdicas para as crianças e toda

a comunidade, assim como minimizar os fatores vinculados com os determinantes sociais relacionados com o piolho de cabeça.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional e de natureza qualitativa, no qual baseia-se em práticas realizadas, entre 2017 e 2019, em colégios a nível básico, fundamental e médio, casas de acolhidas (locais onde as crianças vão no contra turno das escolas para ter atividades), orfanatos e outros ambientes, com enfoque em crianças, jovens e adultos, já que estão incluídos em uma nova era de conhecimentos e tecnologias que tornam mais fácil a propagação dos conhecimentos da Parasitologia (endo e ectoparasitos), que é realizado pelo Projeto de Extensão de Educação em Saúde (Parasito Educac). Este trabalho tem como objetivo levar informações sobre a pediculose através de atividades lúdicas, como exemplo, peças teatrais, canções/ paródias, brincadeiras, e apresentações com figuras coloridas e textos com linguagem compreensível em *Power Point* (Figura 1), com a intenção de facilitar o entendimento do público sobre essa temática.

Figura 1 – Crianças de instituições de ensino público do Rio de Janeiro interagindo com os materiais apresentados durante as ações disponibilizadas pelos alunos do projeto de extensão

Parasito Educac



Fonte: autores (2019).

As ações foram criadas pelos discentes de enfermagem que estudam na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo a supervisão da coordenadora do projeto (Figura 2). Essas atividades buscam inovar na transmissão do conhecimento de acordo com as características de cada grupo social. Além disso, boa parte dessas atividades envolvem a participação direta do público-alvo, sendo a maioria leigos, para aprimorar o seu conhecimento e esclarecer dúvidas, além de discutir as questões

equivocadas e crenças populares. O projeto optou por esse método mais recreativo e criativo por conseguir alcançar diversas faixas etárias de forma momentânea e proporcional, e dar uma maior liberdade para que os alunos do projeto criem intervenções dinâmicas e alegres.

Figura 2 – Graduandos do curso de Enfermagem da UERJ atuando pelo projeto de extensão Parasito EDUCAC em instituições de ensino, Hospital Universitário Pedro Ernesto e bairros adjacentes da universidade



Fonte: autores (2019).

Alguns dos métodos usados utilizam-se de panos customizados, papéis, feltro, TNT e folhas de emborrachado para facilitar o aprendizado, tornando a relação entre a teoria e a prática como algo palpável para os leigos.

Modelos didáticos de piolho foram confeccionados de diferentes tamanhos e materiais (biscuit, isopor etc) para as crianças manusearem e compararem com o que observam nas lâminas no microscópio de luz e lupa (Figuras 3 e 4). As cores e os detalhes anatômicos dos moldes são sempre próximas da realidade dessa espécie da Parasitologia (Figura 5).

Figura 3 – Materiais didáticos preparados pelos alunos de graduação do curso de Enfermagem da UERJ para ser usado nas atividades e comparados ao ectoparasito real



Fonte: autores (2019).

Figura 4 – Alunos de uma da escola municipal do Rio de Janeiro, manuseando o modelo de feltro que representa o piolho de cabeça



Fonte: autores (2019).

Figura 5 – Representação dos modelos de piolho de cabeça feito dos materiais de biscuit e de feltro



Fonte: autores (2019).

As peças teatrais, tanto com fantoches quanto com os alunos fantasiados, são criações próprias dos membros do projeto que visam deixar o conteúdo de maneira mais clara, didática e divertida nos Colégios e Centros de Educação Infantil. A encenação, intitulada *Xô, piolho!*, trata-se de uma breve história entre duas alunas de um colégio que brincam entre si e decidem compartilhar a mesma escova de cabelo enquanto conversam, nesse momento uma delas, já infestada pelo *Pediculus humanus capitis*, transmite a pediculose para a colega de classe. Nesse momento, ressalta-se a importância do pente fino para as crianças, sendo representado pelo personagem Super Pente Fino que entra em ação para a remoção dos ovos (lêndeas) e do piolho adulto e, ao mesmo tempo, informando que este é o melhor método para prevenção e tratamento. Mediante a essa atuação, a ideia ainda foi reforçada por meio da distribuição de pentes finos para todos os alunos presentes (Figura 6).

Os figurinos são feitos por diferentes materiais que são reutilizados para outras ações, além desses elementos didáticos serem de doações de professores e alunos da própria universidade, que visam a capacidade do projeto em alcançar diversas camadas sociais, para auxiliar de forma positiva à saúde da população carioca.

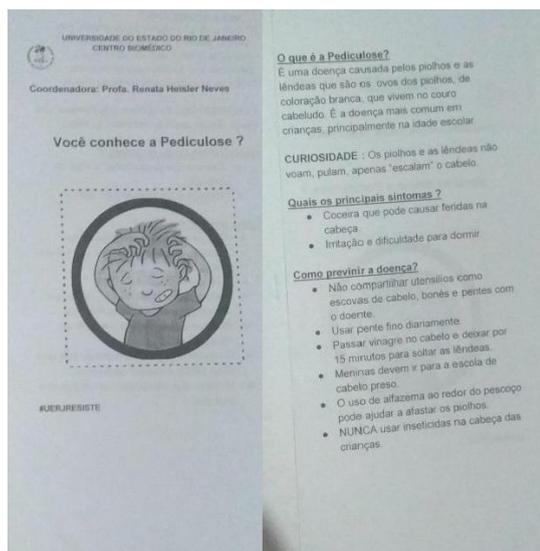
Figura 6 – Momento das peças teatrais demonstradas para as crianças de escola de nível fundamental e casa de acolhida do município do Rio de Janeiro, e pentes finos embrulhados com doces para serem entregues aos alunos (da esquerda para direita)



Fonte: autores (2019).

Enquanto que os panfletos possuem linguagem metódica pautada pelas últimas atualizações a respeito desse parasito, através de artigos internacionais, como o *Jornal da Ciência e Revista de Patologia Tropical*, protocolos e normas, com o intuito dos próprios discentes conseguirem obter novas informações no momento de disseminar o conteúdo de maneira adequada e coerente para a sociedade. Ademais, são utilizadas animações baixadas do *Google Imagens* e sendo adaptadas pelos alunos a fim dos indivíduos conseguirem fazer uma ligação com o seu dia a dia (Figuras 7 e 8).

Figura 7 – Panfleto sobre Pediculose construído pelos discentes de enfermagem para ser distribuído para todas as faixas etárias



Fonte: autores (2019).

Figura 8 – Alunas da Faculdade de Enfermagem – UERJ, que são participantes do Parasito Educac, panfletando no hospital universitário, bandejão universitário e bairros adjacentes da universidade



Fonte: autores (2019).

No desenvolvimento dessas atividades, os graduandos da UERJ estão sempre em interação para criação de novas ideias e metodologias para os seus públicos-alvo, e são incentivados a buscar e ler artigos científicos em plataformas de buscas como *Scielo* e *PubMed*, com o objetivo de aumentarem seus conhecimentos sobre a pediculose e atualização do tema. Os extensionistas são levados a serem críticos sobre os aspectos sociais e políticos, pois esses temas conversam entre si e impactam no controle da pediculose.

Por meio das resoluções nº 466/ 2012 e nº 510/ 2016, este trabalho, durante todo o seu desenvolvimento, manteve a ética, moral, sigilo, compromisso, respeito e zelo com todos os alunos de cada instituição que participaram das ações. Além disso, não foi necessário realizar coleta de ovos e ninfas de piolho do couro cabeludo de nenhum aluno das instituições ou qualquer outro material biológico, já que foi utilizado apenas atividades lúdicas, pelos discentes do projeto, para abordar todas as informações relevantes sobre essa parasitose.

Esse trabalho foi submetido à apreciação do Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) na data 08 de novembro de 2019, sob o número do CAAE 17552419.2.0000.5243.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo foram, aproximadamente, 245 alunos de 3 escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro que participaram das atividades do projeto Parasito Educac, de ambos os sexos feminino e masculino, apresentando faixas etárias em torno de 6 a 18 anos de idade, que encontram-se entre as séries do jardim de infância e 3º ano do ensino médio. De maneira geral, os resultados observados pelos integrantes do projeto foram surpreendentes e a resposta dos alunos muito boa a todas as atividades propostas mostrando que as atividades lúdicas podem ajudar e complementar o ensino formal (SILVA et al, 2017; ALVES et al, 2015; GABANI; MAEBARA & FERRARI, 2010). Após todos os eventos as diretoras nos passaram a avaliação tanto de professores e alunos e todas se mostraram positivas as nossas ações para os diferentes públicos.

Foi possível observar que ao longo das atividades que surgiram diferentes dúvidas sobre o piolho. Muitos estudantes das escolas perguntavam, por vezes, o mesmo questionamento, como: “O piolho pode pular da cabeça de uma pessoa para outra?” Ou, simplesmente, “Já tive esse bicho na minha cabeça e deixava de ir para à escola com medo dos meus colegas me zoarem!”, perguntas e comentários pertinentes que rodeiam a sociedade como um todo, e que a partir disso o projeto decidiu ir mais afundo nas informações das ciências biológicas e da saúde para explicar toda a veracidade deste tema que é pertinente (SOUZA et al, 2002; CUNHA et al, 2008).

Os jogos contribuíram muito para que ocorresse uma interação mais próxima do projeto com a comunidade escolar. Entretanto, pode-se notar que foi possível maior interação dos alunos, de todas as faixas etárias, através das rodas de conversas e uso de microscópios. A todo momento os integrantes do projeto deixavam claro que os estudantes podiam realizar todas dúvidas e comentários possíveis sobre a pediculose, e através dessas gincanas, assim como as demais já citadas na metodologia, analisou-se uma satisfação entre os alunos por terem participado de forma mais leve e dinâmica, mas ao mesmo tempo sanando diferentes questionamentos sobre esse mundo que é tão tabulado (SILVA et al, 2017; ALVES et al, 2015; GABANI; MAEBARA & FERRARI, 2010; CAMÂRA et al, 2012; NUNES et al, 2014; ALVES et al, 2015).

Além disso, os próprios professores dos colégios, assim como a coordenação pedagógica, aproveitavam para saber como que poderiam contribuir para evitar a evasão

dos alunos que poderiam estar infestadas por *Pediculus humanus capitis* e evitar com que outras crianças e adolescentes pudessem apresentar esta doença. E de fato, alguns professores tiveram a consciência, em suas falas, em perceber eles que podem auxiliar sobre os mitos dessa doença e como fazer com que os alunos venham a ter maior domínio sobre essa temática, a fim de evitar especulações errôneas e controvérsias sobre o piolho de cabeça (GABANI; MAEBARA & FERRARIA, 2010).

Com base nesses relatos, a pediculose é uma doença de importância para a saúde pública, que pode provocar diminuição da autoestima e afetar as atividades diárias das pessoas parasitadas (SOUZA et al, 2002; CUNHA et al, 2008).

As ectoparasitoses são mais prevalentes em regiões carentes em países subdesenvolvidos por estarem comumente interligados as condições socioeconômicas, mas que podem ser prevenidos por meio da promoção em saúde, que proporcionam benefícios e novas mudanças na vida do homem, bem como o ambiente e a família que está inserido. Por esse motivo foi desenvolvido o projeto de extensão Educação em Saúde: Prevenção das Doenças Parasitárias (Parasito Educac) da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo como finalidade se aproximar da sociedade, principalmente, dos locais de baixa renda, a fim de transmitir conhecimentos verídicos que são pautados nos conhecimentos da Parasitologia e, conseqüentemente, desenvolver estratégias de educação em saúde para proporcionar melhorias no ambiente social do indivíduo e atuar com todas as faixas etárias, mas dando uma maior ênfase para as crianças, a fim de transformar o cenário que estão inseridas que possibilitam doenças (SILVA et al, 2017; ALVES et al, 2015; GABANI; MAEBARA & FERRARI, 2010; CAMÂRA et al, 2012; NUNES et al, 2014; ALVES et al, 2015).

Segundo Cunha et al. (2008), muitos professores do ensino fundamental não sabem como se dá a transmissão da pediculose, dificultando as ações de promoção de saúde adotadas nas escolas e os mitos existentes acerca da parasitose que prejudicam o processo de controle da doença. As escolas não possuem normas padronizadas para o controle, causando o uso indiscriminado de produtos piolhídeos. Ao mesmo tempo, alguns pais negligenciam este problema, transferindo a responsabilidade para as instituições de ensino (GABANI; MAEBARA & FERRARIA, 2010).

Ademais, muitas vezes os responsáveis pelas crianças não dispõem de tempo para acompanhá-las às unidades de saúde e não possuem instruções corretas para o manejo e prevenção da doença, assim como os professores das crianças (ALENCAR et al, 2017).

A educação em saúde, executada através de ações simples e didáticas, por meio de tecnologias e dispositivos lúdicos, é uma grande ferramenta para informatização e minimização de problemáticas (NOGUEIRA et al, 2019; MONTEIRO et al, 2019). Com isso, visa melhorar e modificar os hábitos cotidianos das pessoas, principalmente, as crianças já que registrarão as principais informações transmitidas. Por isso, boa parte das instituições de ensino e locais de acolhida social infantil tornam-se alvos do projeto de extensão da UERJ, já que coopera em articular as atividades com o seu grupo-alvo para que consigam entre si trocarem as informações (SILVA et al, 2017; BRASIL, 2008).

Os colaboradores desse projeto são discentes da Faculdade de Enfermagem da UERJ que já concluíram ou estão cursando a disciplina de Parasitologia. Ter a participação de alunos dessa área é de extrema relevância para o contexto profissional e social, já que o papel do enfermeiro é disseminar as práticas do cuidado que é dirigido pelas ciências em saúde, incluindo as Teorias de Enfermagem, como a *Florence Nightingale* na Teoria Ambientalista, no qual correlaciona os fatores externos com a saúde do homem (FRANCESCHI et al, 2007; BORSON; CARDOSO & GONZAGA, 2018; MELO, 2016).

Além disso, a participação desses graduandos realiza uma perfeita conexão dos centros educacionais com as ações educativas, já que a função do enfermeiro também inclui a disseminação de informações pautadas em conhecimentos científicos, especificamente, em locais que apresentam dificuldades de acesso a diferentes conteúdos sobre à promoção e recuperação da saúde (SILVA, 2015; CUNHA et al, 2008).

Essas ações de extensão da UERJ possuem diferentes formulações para serem colocadas em prática com a população mais vulnerável a pediculose, isto é, são criadas práticas educativas de acordo com a realidade de cada grupo social, com o propósito de aumentar o aprendizado. Além do mais, o projeto está sempre criando ideias para inovar nos elementos que facilitam o entendimento sobre à saúde (SILVA, 2015).

O Parasito Educac divulga os seus trabalhos para públicos-alvo de diversas faixas etárias, sendo crianças com idade maior ou igual a 3 anos, adolescentes, adultos e idosos, pois são indivíduos que moram ou frequentam lugares que reúnem grandes aglomerações, como dormitórios, creches e outros ambientes que favorecem a infestação e disseminação do piolho de cabeça (ALVES et al, 2015; FILOMENO et al., 2019; NEVES et al, 2019).

As atividades propostas são sempre lúdicas, como fantoches, teatros, jogo de memória sobre transmissão e profilaxia, panfletos, bonecos de feltro ou biscoito representando o piolho, ovos e ninfas desse parasito em lâminas de vidro em microscópios de luz, banners, rodas de conversa, desenhos para colorir, massinhas para modelar, jogos de tabuleiro e músicas voltadas para essa temática, além de ter a participação em uma rede social que traz uma interação maior com as pessoas mantendo uma linguagem mais direta e simples, a fim de alcançar um saber mais promissor, dinâmico e divertido para que todos consigam entender os conteúdos sobre pediculose (SILVA et al, 2017; BRITO et al, 2019; NEVES et al, 2019; BRAGAGNOLLO et al, 2019, CUNHA et al, 2019). Logo, usar esses métodos contribuem para um aprendizado mais eficiente (SILVA et al, 2017). De acordo com Alves et al (2015, p. 131): “as brincadeiras estimulam e contribuem para o desenvolvimento de alguns aspectos cognitivos [...]. Além disso [...] jogos, bonecos e vídeos com músicas, mostram um envolvimento muito grande das crianças”.

Figura 9 – Crianças de uma casa de acolhida que visa manter as crianças com atividades extras fora do horário da escola interagindo com um dos materiais apresentados sobre a Pediculose (imagem A) e participantes do projeto Parasito EDUCAC durante a explicação sobre a temática em uma das ações em uma creche Municipal do Rio de Janeiro (imagem B).



Imagem A

Imagem B

Fonte: autores (2019).

Figura 10 – Ações lúdicas realizadas pelos alunos do curso de Enfermagem da UERJ em algumas instituições de ensino do Rio de Janeiro com crianças de diferentes faixas etárias



Fonte: autores (2019).

Figura 11– Apresentação do projeto em uma mídia virtual para a população interagir com os docentes e discentes do Projeto de Extensão Parasito Educac da UERJ



Fonte: autores (2019).

Acrescenta-se ainda que os determinantes sociais de saúde estão intrinsecamente relacionados com essa patologia. De acordo com Pilger et al (2010), em um estudo em Fortaleza, Ceará, a pobreza parece exercer um papel relevante na transmissão dos piolhos, pois em crianças de famílias muito pobres, o risco de reinfestação precoce com piolhos foi duas vezes maior do que em outras crianças. Já em Manaus, Amazonas, foi observado a menor prevalência de piolhos em crianças nas escolas privadas e maior em creches públicas. Assim como mostrou que em crianças negras e com cabelos encaracolados e cacheados, a incidência é maior (BORGES-MORONI et al, 2011). Dados obtidos na Venezuela, mostraram que há relação entre as características socioeconômicas e pediculose capilar. Pobreza, extrema pobreza e superlotação de 2 ou mais pessoas por leito são fatores que aumentam a incidência (CAZORLA et al, 2007).

A falta de acesso de uma parte da população aos serviços básicos de saúde, tornam-se fatores que facilitam a expansão desse ectoparasito. Por esse motivo, o governo necessita ser mais participativo na saúde do povo para conseguir modificar a qualidade da prestação de serviços durante à assistência em saúde (BARATA, 2011; BRASIL, 2002; SILVA, 2012).

A própria Constituição Federal de 1988, sob o artigo 196º, destaca: “a saúde é direito de todos e dever do Estado” e isso deve ser pautado para todos os cidadãos a fim de remodelar o contexto sociocultural, com o objetivo de cessar a transmissão deste parasito que é uma dificuldade da saúde pública (SILVA, 2012; NOGUEIRA et al., 2019; MONTEIRO et al, 2019; BRASIL, 1988).

A falta de acesso a essas informações tem relação direta as complicações na saúde das pessoas inseridas nas camadas menos favorecidas, pois as necessidades básicas devem ser respeitadas com o intuito de reduzir os riscos no que diz respeito ao âmbito biopsicossocial e com as precariedades presentes na sociedade deixam explícito a exclusão dos menos favorecidos a margem das mínimas condições que o homem pode vir a viver (PORTO et al, 2015; MAGALHÃES, 2007).

Logo, o Ministério da Saúde ao manter vínculo com cada região pode converter esses casos no Brasil. Com base nessa informação, destaca-se Paulo Freire no que diz respeito que a educação é uma ferramenta no qual transforma as pessoas e que, conseqüentemente, o homem mudará o espaço que está inserido com os seus conhecimentos, por isso a educação em saúde é uma excelente ferramenta para proporcionar melhorias no ambiente que o indivíduo se encontra e, por meio desse contexto o mesmo consegue criar raciocínio crítico das situações atuais (OLIVEIRA & COTA, 2018; FALKNERBERG et al, 2014; FREIRE, 1987).

Dessa maneira, ressalta-se a importância do enfermeiro nas ações de educação em saúde no combate e prevenção da pediculose. “O enfermeiro exerce um papel relevante frente às ações educativas, realizadas com a população. Sua inserção colabora para a melhoria da qualidade de vida do usuário” (KIRSCH & VERONEZI, 2019, p. 42).

Nesse contexto, os profissionais de saúde, juntamente com as políticas públicas, veem para manter um equilíbrio entre à saúde do ser humano com os fatores ambientais

e o agente causador da pediculose, *Pediculus humanus capitis*. As ações praticadas em escolas e creches, contendo a participação dos responsáveis, ajuda a construir e desconstruir convicções enraizadas, e mais adiante auxilia o projeto a produzir novos métodos que propiciam os indivíduos a compreenderem melhor esse assunto que é tão tabulado através da educação em saúde (ALVARENGA et al, 2012; LIMA, 2014; HEUKELBACH; OLIVEIRA & FELDMEIER, 2003). Além disso “a introdução de recursos didáticos diversos nas aulas melhora entendimento e assimilação dos conteúdos abordados, promovendo o processo de ensino/aprendizagem, melhorando sua qualidade e estimulando o senso crítico” (BRITO et al, 2019; NEVES et al, 2019).

Conseqüentemente, a população tendo o conhecimento da pediculose contribuirá para buscar atitudes que auxiliam na fragmentação de informações errôneas, e assim o projeto Parasito Educac se infiltra na cidadania, por meio de práticas sempre diferenciadas e prazerosas para todas as idades (GOLDSCHMIDT & LORETO, 2012). O conhecimento de todos melhorará o saber de sobre a transmissão dessa ectoparasitose, aumentará as medidas de controle e prevenção, fornecerá as ferramentas para um tratamento adequado e evitará erros e mitos sobre esse parasito na população brasileira (LEAL et al, 2020; NEVES et al, 2020; GABANI; MAEBARA & FERRARI, 2010).

As ações devem ser conjuntas entre a população e as autoridades competentes, no sentido de canalizar os recursos públicos voltados para a educação, o saneamento, a identificação das áreas de risco e aquelas já afetadas, adotando o tratamento em massa com o objetivo de redução dos índices parasitários. Assim, mesmo sabendo que a melhoria da qualidade de vida das populações carentes não acontece repentinamente, existe a possibilidade de amenizar os problemas com ações efetivas e factíveis para alcançar o controle desta parasitose e melhor a vida da população.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, N. M. M. et al. O papel da enfermagem frente à promoção da saúde de crianças que frequentam creches: uma revisão integrativa. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 15, n. 2, p. 481-491, ago./dez. 2017.

ALVARENGA, W. A. et al. AÇÕES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE REALIZADAS POR ENFERMEIROS NA ESCOLA: PERCEPÇÃO DE PAIS. **Rev. Min. Enferm.**, v. 16, n. 4, p. 522–527, 2012.

ALVES, S. N. *et al.* Ações de educação e saúde relacionadas à pediculose na educação infantil. **Rev. Em Extensão**, Urbelândia, v. 14, n. 1, p. 126 – 133, jan.-jun. 2015.

BARATA, R. B. COMO E POR QUE AS DESIGUALDADES SOCIAIS FAZEM MAL À SAÚDE? **Rev. Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, v. 27, n. 4, p. 817 – 821, abr. 2011.

BARBOSA, J. V.; PINTO, Z. T. Pediculose no Brasil. **Entomol vect.**, v. 10, n.4, p.579-586, 2003.

BARCA, I. Aula-oficina: do Projeto à Avaliação. In:_____. **Para uma educação de qualidade**: Actas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Centro de Investigação em Educação (CIEd)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004. cap. 2, p. 131 – 144.

BORGES, R.; MENDES, J. Epidemiological aspects of head lice in children attending day care centers, urban and rural schools in Uberlandia, Central Brazil. **Mem. Inst. Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v.97, n.2, p. 189-192, 2002.

BORGES-MORONI, R.; MENDES, J.; JUSTINIANO, S. C. B.; BINDÁ, A. G. L. Head lice infestation in children in day-care centers and schools of Manaus, Amazon, Brazil. **Revista de Patologia Tropical**, 40, n. 3, p. 263-270, 2011.

BORSON, L. A. M. G; CARDOSO, M. S.; GONZAGA, M. F. N. A TEORIA AMBIENTALISTA DE FLORENCE NIGHTINGALE. **Revista Saúde em Foco**, n. 10, 2018.

BRAGAGNOLLO, G. R. *et al.* Intervenção educativa lúdica sobre parasitoses intestinais com escolares. **Rev Bras Enferm [Internet]**, v. 72, n. 5, p. 1268-75, set.-out. 2019.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Emenda constitucional nº 196, de 5 de outubro de 1988. **Lex**: legislação federal e marginália, Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 08 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. **Saúde do Adolescente: competências e habilidades**. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **POLÍTICA NACIONAL DE PROMOÇÃO DA SAÚDE (Documento para discussão)**. Brasília, DF, 2002. 42 p.

BRITO, A. C. S. *et al.*; NEVES, R. H. *et al.* O USO DE MODELOS DIDÁTICOS COMO METODOLOGIA COMPLEMENTAR PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA PARASITOLOGIA NOS DIFERENTES SEGMENTOS. In: JUNIOR, J. M. B. O. (Org.); CALVÃO, L. B. (Org). **Debate e Reflexão das Novas Tendências da Biologia**. Rio de Janeiro: Atena Editora, cap. 11, pg. 87-101, 2019.

CÂMARA, A. M. C. S. *et al.* Percepção do Processo Saúde-doença: Significados e Valores da Educação em Saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 36, supl. 1, p. 40-50, 2012.

CATALÁ, S. *et al.* Prevalência e intensidade da infestação por *Pediculus humanus capitis* em escolares de seis a onze anos. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 37, n. 6, p. 499-501, nov.-dez. 2004.

CAZORLA, D.; RUIZ, A.; ACOSTA, M. Estudio clínico-epidemiológico sobre pediculosis capitis en escolares de Coro, estado Falcón, Venezuela. **Investigación Clínica**, 48, n. 4, p. 445-457, 2007.

CHOSIDOW, O. Scabies and Pediculose. **Lancet**, v. 355, n. 9206, p.819-826, 2000.

CUNHA, J. A. S. *et al.* Os conhecimentos sobre pediculose entre estudantes de uma escola do campo vinculada às atividades do PIBID. **Revista Online de Extensão e Cultura Realização**, v. 6, n. 12, p. 51. 2019.

CUNHA, P. V. S. *et al.* O Discurso dos Professores sobre a Transmissão da Pediculose antes de uma Atividade Educativa. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolvimento Humano**, v. 18, n. 3, p. 298-307, 2008.

FALKNERBERG, M. B.; MENDES, T. P. L.; MORAES, L. P.; SOUZA, E. M. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 847 – 852, 2014.

FILOMENO, C. E. D. *et al.*; NEVES, R. H. *et al.* PARASITOLOGIA NA ESCOLA: INTERVENÇÕES EM EDUCAÇÃO E SAÚDE. In: JUNIOR, J. M. B. O. (Org.); CALVÃO, L. B. (Org). **Debate e Reflexão das Novas Tendências da Biologia**. Rio de Janeiro: Atena Editora, 2019, cap. 15, p. 140-153.

FRANCESCHI, A. T. *et al.* DESENVOLVENDO ESTRATÉGIAS PARA O CONTROLE DA PEDICULOSE NA REDE ESCOLAR. **Revista APS**, v. 10, n. 2, p. 217-220, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GABANI, F. L.; MAEBARA, C. M.; FERRARI, R. A. PEDICULOSE NOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DOS TRABALHADORES^a. **Esc Anna Nery Rev Enferm.**, v. 14, n. 2, p. 304-317, 2010.

GOLDSCHMIDT, A. I.; LORETO, E. Investigação das concepções espontâneas sobre pediculose entre pais, professores, direção e alunos de educação infantil e anos iniciais. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 11, n. 2, p. 455-470, 2012.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HEUKELBACH, J.; OLIVEIRA, F. A. S.; FELDMEIER, H. Ectoparasitoses e saúde pública no Brasil: desafios para controle. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, p. 1535-40, 2003.

KIRSCH, G. H.; VERONEZI, D. R. Visão do enfermeiro como educador em saúde. **Caderno de Saúde e Desenvolvimento**, v. 14, n. 8, p. 1. 2019.

LEAL, C. M. C. *et al.*; NEVES, R. H. *et al.* VIVENCIANDO A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DOS DISCENTES DE ENFERMAGEM ATRAVÉS DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM PARASITOLOGIA: ASSOCIAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA. In: PEREIRA, T. T. (Org.); CASTRO, L. H. A. (Org.); OESTERREICH, S. A. (Org). **Ciências da Saúde: Campo Promissor em Pesquisa 3**. Rio de Janeiro: Atena Editora, 2020 cap. 27, p. 261-273.

LIMA, A. D. Ecologia Médica: uma Visão Holística no Contexto das Enfermidades Humanas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 38, n. 2, p. 165-72, 2014.

LINARDI, P. M. Anoplura. In: NEVES, D. P. *et al.* (Org.). **Parasitologia humana**. 12. ed. São Paulo: Atheneu, 2011, cap. 50, p. 407-411.

LINARDI, P. M. *et al.* Infestação por *Pediculus humanus* (Anoplura: Pediculidae) no Município de São Paulo, SP, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, v. 32, n. 1, p. 77-81, 1998.

MAGALHÃES, R. Monitoramento das desigualdades sociais em saúde: significados e potencialidades das fontes de informação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 3, p. 663-673, 2007.

MELO, L. P. ENFERMAGEM COMO UMA CIÊNCIA HUMANA CENTRADA NO CUIDADO. **Rev. Min. Enferm.**, v. 20, e.979, 2016.

MONSTER K. A.; KELLER L. O. A population - based approach to pediculosis management. **Public Health Nurs**, v.3, n.19, p.201-208, 2002.

MOUGABURE C. G. *et al.* Toxic Effect of Aliphatic Alcohols Against Susceptible and Permethrin-Resistant *Pediculus humanus capitis* (Anoplura: Pediculidae). **J Med Entomol**; v. 39, n. 3, p.457-60, 2002.

NEVES, D. P. **Parasitologia Humana**. 11º Ed. São Paulo: Atheneu, 2004. 498 p. 498.

NOGUEIRA, R. S. *et al.*; MONTEIRO, L. T. D. S. *et al.* AÇÃO EDUCATIVA EM ENFERMAGEM SOBRE ECTOPARASIToses NO ÂMBITO ESCOLAR PARA PREVENÇÃO E CUIDADO NA INFÂNCIA - RELATO DE EXPERIÊNCIA. In: COSTA, L. M. (Org.). **Bases Conceituais da Saúde**. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019, cap. 5, p. 31-38.

NUNES, S. C. B *et al.* BIOLOGIA E EPIDEMIOLOGIA DA PEDICULOSE DA CABEÇA. **Scientia Amazonia**, v. 3, n. 2, p. 85-92, 2014.

OLIVEIRA, M. F.; COTA, L. G. S. A pedagogia freiriana nas práticas de educação em saúde. **Diversitates Int. J.**, v. 10, n. 1, p. 46-58, 2018.

PICOLLO, M. I. *et al.* Resistance to Insecticides and Effect of Synergists on Permethrin Toxicity in *Pediculus capitis* (Anoplura: Pediculidae). **J. Med. Entomol**, Buenos Aires, v .37, n. 5, p. 721-725, 2000.

PILGER, D.; HEUKELBACH, J.; KHAKBAN, A.; OLIVEIRA, F. A. et al. Household-wide ivermectin treatment for head lice in an impoverished community: randomized observer-blinded controlled trial. **Bulletin of the World Health Organization**, 88, p. 90-96, 2010.

PINTO, Z. T.; VARGAS, E. P. **Abordagem educativa e divulgações sobre tratamento de pediculose na internet**. Programa Educacional de controle da pediculose, São Paulo, 2005.

PORTO, M. F. S. *et al.* Saúde e ambiente na favela: reflexões para uma promoção emancipatória da saúde. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 123, p. 523-543, jul.- set. 2015.

REY, L. **Bases da Parasitologia Médica**. 2º Edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 404 p.

ROBERTS, R. J. Clinical Practice. **Head Lice**. **N. Engl. J. Med.**, v. 346, n. 21, p. 1645-49, mai. 2002.

ROCHA, L. **Piolho**: pesquisador esclarece o que é a pediculose, doença provocada pelo inseto. Rio de Janeiro: Instituto Oswaldo Cruz, 2014. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/piolho-pesquisador-esclarece-o-que-e-pediculose-doenca-provocada-pelo-inseto>>. Acesso em: 08 de Abr 2020.

SANTOS, S. da M. dos. **Desmitificando a praga dos piolhos! Percepções e orientações aos**. 81f. Monografia (Especialização em Ensino em Biociências e Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

SILVA, C. B. *et al.* Atividades de educação em saúde junto ao ensino infantil: relato de experiência. **Rev. enferm UFPE**, v. 11, supl. 12, p. 5467. 2017.

SILVA, E. A. **Sociologia aplicada à enfermagem**. Barueri: Manole, 2012.

SILVA, N. F. **UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO COMBATE E CONTROLE DE PEDICULOSES NA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2015. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, 2015.

SOUZA, P. A. T. *et al.* Pediculose na escola: uma abordagem didática. **Rev. Universidade Estadual Paulista**, cap. 3, p. 528. 2002.

WILCKE, T. *et al.* Scabies, pediculosis, tungiasis and cutaneous larva migrans in a poor community in northeast Brazil. **Acta Trop.**, v.83, supl. 1, p. 100, 2002.

Recebido em: 09 de setembro de 2020.

Aceito em: 24 de novembro de 2020.